

Revista **a**

EVOLUÇÃO

Ano III, nº 28 - Maio/2022

ISSN 2675-2573

**A educação
por quem
a vive.**



www.primeiraevolucao.com.br

Revista **1ª** EVOLUÇÃO

Ano III - nº 28 - Maio de 2022

ISSN 2675-2573

Uma publicação mensal da Edições Livro Alternativo

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (Angola):

Manuel Francisco Neto

Coordenaram esta edição:

Alexandre Passos Bitencourt

Andréia Fernandes de Souza

Vilma Maria da Silva

Organização:

Vilma Maria da Silva

Colunista: Isac dos Santos Pereira

AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

Ana Paula Brito Paixão

Anna Carolyn Lima Kecek Ruiz

Bruna Dias Campos

Fabiana Lemes da Silva

Ivan Aparecido da Silva

José Aparecido Santana

Marcia Muniz Brilhante de Toledo

Mônica Lara Marsura

Quitéria Maria da Silva Barros

Thais Fidelis de Paula Silva

Terezinha Joana Camilo

Viviane de Cássia Araujo



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.28>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano III, n. 28 (maio 2022). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2022.

86 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

ISSN 2675-2573 (on-line)

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877



São Paulo
2022

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

Comissão editorial:

Antônio Raimundo Pereira Medrado
José Roberto Tenório da Silva
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Denise Mak
Isac dos Santos Pereira
Patrícia Tanganelli Lara
Thaís Thomas Bovo

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Me. Adeilson Batista Lins
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Ma. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo
Profa. Ma. Veneranda Rocha de Carvalho

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Profa. Mestranda. Cleia Teixeira da Silva
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira
Prof. Mestrando José Wilton dos Santos

Edição, Web-edição e projetos:

Antonio Raimundo Pereira Medrado
José Roberto Tenório da Silva
Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. (11) 98031-7887
Whatsapp: (11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com
https://primeiraevolucao.com.br
São Paulo - SP - Brasil

netomanuelfrancisco@gmail.com
Luanda - Angola

Imagens, fotos, vetores etc:

https://publicdomainvectors.org/
https://pixabay.com
https://br.freepik.com

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta revista, desde que citada a fonte.

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Publicada no Brasil por:

Edições **Livro Alternativo**

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



A revista **PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial criado pela Edições Livro Alternativo para auxiliar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

O corpo editorial da revista é formado por professores, especialistas, mestres e doutores que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

É totalmente financiada por professoras e professores, e distribuída gratuitamente.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores e autores independentes.

PRINCÍPIOS:

O trabalho voltado (principalmente) para a educação, cultura e produções independentes;

O uso exclusivo de softwares livres na produção dos livros, revistas, divulgação, palestras, apresentações etc desenvolvidas pelo grupo;

A ênfase na produção de obras coletivas de profissionais da educação;

Publicar e divulgar livros de professores(as) e autores(as) independentes e/ou produções marginais;

O respeito à liberdade e autonomia dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à diversidade.

Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores. Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.



Filiada à:



www.primeiraevolucao.com.br

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

SUMÁRIO

05 APRESENTAÇÃO

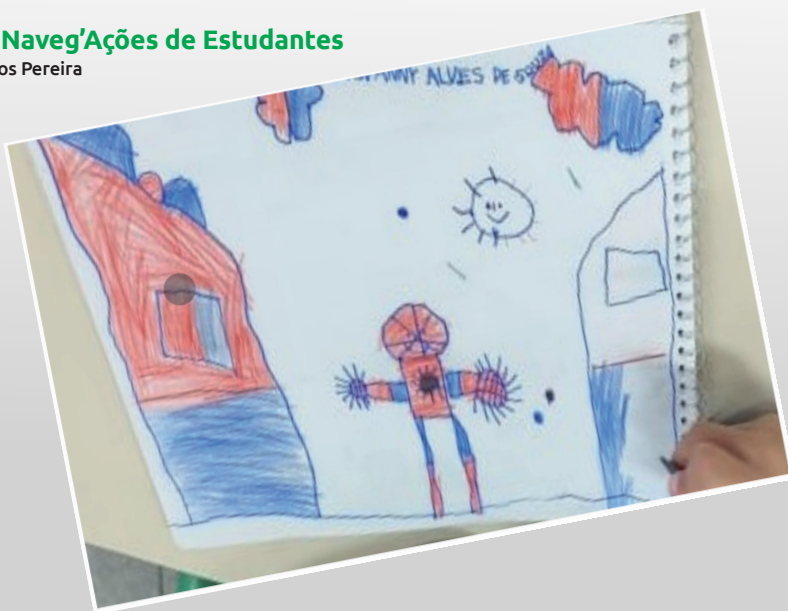
Prof^ª. Dra. Andréia Fernandes de Souza



COLUNA

6 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac dos Santos Pereira



ARTIGOS

- | | |
|---|----|
| 1. A IMPORTÂNCIA DAS SALAS DE LEITURA NA FORMAÇÃO DE CIDADÃOS LEITORES
Ana Paula Brito Paixão | 9 |
| 2. A RELEVÂNCIA DA ARTE NOS ANOS INICIAIS
Anna Caroliny Lima Kecek Ruiz | 15 |
| 3. A IMPORTÂNCIA DA PARCERIA ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA
Bruna Dias Campos | 23 |
| 4. RELAÇÃO ENTRE A EDUCAÇÃO INFANTIL E A AFETIVIDADE
Fabiana Lemes da Silva | 29 |
| 5. A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO BÁSICA
Ivan Aparecido da Silva | 37 |
| 6. REFLEXÕES SOBRE DIFICULDADES DE APRENDIZAGENS NA EDUCAÇÃO BÁSICA
José Aparecido Santana | 43 |
| 7. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E A ARTE PARA A MELHOR IDADE
Marcia Muniz Brilhante de Toledo | 49 |
| 8. A ARTE E SUA IMPORTÂNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Mônica Iara Marsura | 55 |
| 9. O CORPO E O MOVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Quitéria Maria da Silva Barros | 61 |
| 10. ALGUNS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO NO SÉCULO XXI
Terezinha Joana Camilo | 67 |
| 11. A CONTRIBUIÇÃO DO DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Thais Fidelis de Paula Silva | 73 |
| 12. TEA, EDUCAÇÃO INCLUSIVA E O APOIO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE)
Viviane de Cássia Araujo | 81 |

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E A ARTE PARA A MELHOR IDADE

MARCIA MUNIZ BRILHANTE DE TOLEDO

RESUMO: Este artigo tem por objetivo demonstrar a importância da contação de história, o lúdico e a expressão artística através das artes plásticas, para idosos, valorizando suas experiências de vida e memória, ampliando sua participação social. A Arte, a contação de história e o lúdico, são importantes estímulos à imaginação. O resgate das memórias, pode auxiliar na preservação do cognitivo e no estado socioemocional de idosos, difundindo valores e identidades culturais importantes para a história, facilitando interações e convivência harmoniosa entre as pessoas.

Palavras-chave: Aprendizagens. Memórias. Idosos. Vivências.

INTRODUÇÃO

A contação de histórias é uma prática há muito utilizada, tanto de forma livre por qualquer pessoa, quanto de forma intencional pela Pedagogia. Por meio dela, informalmente, muitas pessoas transmitiram seus conhecimentos, perpetuaram suas tradições e ensinamentos, assim como outras, formalmente, também se utilizaram deste instrumento para potencializar a aprendizagem.

Utilizar a contação de história como instrumento de aprendizagem supõe a intenção de propiciar uma releitura para aquilo que é apresentado, ou seja, ouvir e valorizar a interpretação feita pelo ouvinte.

De acordo com Claver (2007, p. 9) “escrever com arte significa mexer com o olho do leitor. Brincar com o olho que acha que tudo vê e tudo sabe”. Logo, a combinação da releitura através da contação de histórias e as possibilidades de interpretação de obras de arte, em especial, os quadros, é um caminho que tende a ser próspero.

As metodologias adotadas para a presente pesquisa serão bibliográficas e de campo. Na metodologia bibliográfica teremos como norteador, obras e estudos de arte, mediação de leitura para idosos em espaços não formais. Para a metodologia de campo coletaremos dados de um estudo feito em 2018 em um espaço educacional não formal que visa oferecer diversas atividades para os idosos.

O trabalho desenvolvido possui relevância prática para a área pedagógica, pois contribuirá com informações referentes a atividade realizada em espaço educacional não formal, que também podem ser mediadas pelos pedagogos nestes locais, sendo este campo pouco explorado por estes profissionais atualmente.

Já a relevância social, está posta ao passo que se pretende que o idoso possa, por meio da reflexão sobre suas próprias memórias, melhorar sua expressividade, desenvolver uma visão crítica de mundo, apropriar-se da arte e da contação de história e auxiliar em sua autoestima. Além também, de ajudá-los a valorizar o espaço educacional não formal a quem tem acesso e reforçar os laços de pertencimento àquela comunidade.

Na primeira seção deste artigo, são apresentadas informações obtidas em estudos relacionados às dificuldades de foco e memorização dessa faixa etária, ressaltando a importância dos relatos de suas vivências, explorando sua criatividade e expressividade, e relacionando aspectos de afeto, cognição e motricidade, na contação de histórias e nas artes. Na segunda seção, se faz necessário conhecer um breve histórico da Educação Não Formal e sua relação com o Pedagogo. E por fim encerro a presente pesquisa com as considerações finais acerca da mesma, tendo em vista não ser possível esgotar todas as possibilidades de reflexão sobre o tema neste trabalho, espero contribuir para que a visão sobre a ludicidade e a importância em dar voz aos idosos seja ampliada.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E A TERCEIRA IDADE

De acordo com Manzano (2014), terceira idade “é a fase entre a aposentadoria e o envelhecimento e que traz consigo as demandas de cuidado com a saúde de uma forma mais ampla, já pensando em um envelhecimento com mais qualidade de vida”. Esta definição combina muito com a sociedade atual, onde as pessoas no geral, tem se preocupado mais com a saúde e com a aparência.

Este público também tem sido alvo de muitas pesquisas em relação a longevidade e a melhoria na qualidade de vida, visto que a expectativa de vida destes tem aumentado graças aos avanços científicos na área da Medicina, nas questões preventivas e de tratamento.

Tem crescido também o número de ações e políticas públicas para os idosos. Como marco importante, citamos a criação de legislação específica: Lei nº 10.741 de 01 de outubro de 2003, conhecida popularmente como Estatuto do Idoso, que versa sobre “os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos”.

Além dos aspectos físicos, é importante cuidar também dos aspectos intelectuais e sociais deste grupo, principalmente no que tange a valorização das vivências e visão de mundo construída por eles.

Partindo deste ensejo, pesquisas recentes indicam os resultados positivos da utilização da leitura como mediação para a integração social na terceira idade.

A contação de histórias é uma prática que pode proporcionar aos participantes relacionar conteúdos lidos ou ouvidos com as suas próprias vivências pessoais, possibilitando tanto interação leitor/ouvinte e ouvinte/leitor, quanto reflexões e novas aprendizagens.

Ao promover que o idoso, através da contação de histórias, possa acessar suas memórias e compartilhá-las com outras pessoas, é possível estabelecer vínculos de escuta e de acolhimento.

A ARTE E A TERCEIRA IDADE

Frequentemente sabe-se que diversos espaços, especialmente os de educação não formais, fornecem atividades relacionadas às artes para os grupos da terceira idade. E por que a Arte pode ser um importante instrumento de socialização e de contato com a própria memória?

A autora Ana Mae Barbosa (2012, apud Henriques, 2015, p. 10) nos indica que é preciso vivenciar o processo artístico, ou seja, é importante que o participante possa se sentir parte da obra, ainda que seja pela reflexão por ela provocada ou mesmo pela oportunidade de fazer uma releitura, conexão com esta.

Também no contato com as Artes se faz muito importante a presença do Pedagogo como mediador, justamente para, através da intencionalidade, oferecer atividades que possam ser enriquecedoras tanto nas questões cognitivas como nas questões de socialização, inclusive, reconhecendo também o papel das Artes para o desenvolvimento humano, muito além das habilidades manuais, mas da sensibilidade, da leitura e da interpretatividade pessoal que ela imprime a cada indivíduo.

Diante de todo o exposto, acredito que propor uma atividade que mescle a potencialidade da contação de histórias com a potencialidade das Artes através de uma releitura, pode resultar em significativa melhoria na expressividade, criatividade, motricidade, cognição e principalmente no sentimento de valorização da visão de mundo do idoso.

EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E O PEDAGOGO

As mudanças que ocorreram na sociedade desde o início da modernidade, principalmente com a superação do processo de conhecer do ser humano de modo fragmentado e simplificado, passando a entender a produção de conhecimento a partir da visão na qual tudo se encontra interligado, conectado, a formação torna-se incumbida de proporcionar uma compreensão profunda da ação educativa, surgindo à necessidade de espaços diferenciados para atender a demanda crescente.

Até a década de 90, a educação não formal de acordo com Gohn (1999 apud FRISON, 2006, p. 13) “[...] era vista como um conjunto de processos delineados para alcançar a participação de indivíduos e de grupos em áreas de extensão rural, treinamento vocacional, técnico, educação básica, planejamento familiar etc.”, esse movimento passa por transformações a partir da década de 90. Com a expansão e fortalecimento do modelo de sociedade neoliberal, o paradigma da época deixa de proporcionar à sociedade os meios essenciais para o seu desenvolvimento. Assim, começou-se a pensar nas possibilidades de desenvolver uma educação capaz de atender à demanda exigida pelo modelo de sociedade da época.

Surgiram novas demandas educacionais, principalmente no quesito que exige uma boa qualificação do trabalhador para atuar dentro das empresas. Com isso, estes atenderiam aos requisitos exigidos pelo empregador, dentre os quais, o bom atendimento aos clientes e a boa relação entre os funcionários. Gohn (1999, p.92 apud Frison 2006, p. 14) nos diz,

A grande mudança aconteceu na década de noventa, por ocasião das transformações na economia, na sociedade e no mundo do trabalho. Em função disso, se começou a valorizar os processos de aprendizagem, passou-se a falar de uma nova cultura organizacional que, em geral, exige a aprendizagem de habilidades extra escolares.

Percebe-se então, que o papel do pedagogo e os campos de atuação não escolar começam a se expandir, ultrapassando os limites da escola, chegando a espaços como hospitais, empresas, espaços socioeducativos etc. Contudo, esse profissional, começa a adentrar em um dos novos espaços, sentindo a necessidade de buscar por si o conhecimento que necessita para uma atuação profissional de qualidade.

Atualmente, o pedagogo é um profissional capaz de atuar nos mais diferentes espaços não escolares, por possuir uma formação eclética, voltada para o desenvolvimento humano. Segundo Frison (2006, p. 33)

Não há forma nem modelo exclusivo da educação, nem a escola é o único lugar em que a educação acontece. As transformações contemporâneas contribuíram para consolidar o entendimento da educação como fenômeno multifacetado, que ocorre em muitos lugares, institucionais ou não, sob várias modalidades.

A pedagogia, ao adaptar-se às necessidades impostas pela sociedade atual, que se caracteriza pelas rápidas mudanças e constantes transformações demandadas a partir da estrutura capitalista de produção derivada da revolução industrial, possibilitou a ampliação da visão sobre o campo de atuação do pedagogo para além dos espaços escolares exercendo sua atividade profissional em ambientes não escolares diversificados. Assim, destaca-se a fala de Libâneo (1998, p. 19):

De fato, vem se acentuando o poder pedagógico de vários agentes educativos formais e não-formais. Ocorrem ações pedagógicas não apenas na família, na escola, mas também nos meios de comunicação, nos movimentos sociais e outros grupos humanos organizados, em instituições não-escolares. Há intervenção pedagógica na televisão, no rádio, nos jornais, nas revistas, nos quadrinhos, na produção de material informativo, tais como livros didáticos e paradidáticos, enciclopédias, guias de turismo, mapas, vídeos e, também na criação e elaboração de jogos, brinquedos.

A transformação ocorrida na sociedade decorre do rompimento com a visão perpassa ao longo do tempo, na qual a educação servia para adestrar, “estabelecer rotas e caminhos a serem seguidos” (FRISON, 2006, p. 23), causando grandes estragos na vida dos indivíduos, na medida em que trouxe consequências como a “robotização, a eliminação da criatividade, as pessoas passaram a agir de forma mecânica” (FRISON, 2006, p. 23). A sociedade exige que a educação proporcione a emancipação e reflexão do sujeito, pois, o indivíduo necessita saber intervir na sua relação com o meio de modo consciente, sendo capaz de pensar e repensar suas ações, de acordo com as necessidades estabelecidas pelo paradigma emergente, que foca na educação do sujeito para que tenha uma visão ampla e diversificada do mundo que ao qual pertence.

Como afirma Fireman (2000 p. 61-62), o pedagogo, para trabalhar no âmbito não-formal, deve ainda ser capaz de articular com valores humanos, com os sistemas de comunicação, com as relações interpessoais, com currículos, práticas pedagógicas, avaliação e planejamento em contextos diversos. Deverá estar capacitado para trabalhar com as mudanças tecnológicas e de mercado econômico, bem como com a gestão do conhecimento.

Dos contextos educacionais, delimitar conceitualmente o espaço formal de educação talvez seja o mais fácil, pois, envolve a existência de espaços adequados voltados para a aprendizagem escolar, sejam públicos ou privados, que pressupõem a existência de currículos regulamentados pelo Estado, se processa de modo regular e hierárquico, sobretudo na progressão em graus que os indivíduos vão alcançando, obedecendo um criterioso trabalho coletivo e individual de planejamento metodológico e pedagógico para o alcance intencional de objetivos determinados. Os espaços formais também se caracterizam pela construção em cima da disciplinarização onde os conteúdos se inscrevem, embora se

busque integrações disciplinares em alguns sistemas, se processam de modo gradual e contínuo na contemplação de conteúdos que vão se tornando também complexos.

Já o termo “Educação não formal”, segundo Garcia (2015, p.47), passou a ser usado no Brasil na década de 1980, sendo entendida como uma extensão da educação formal e com intuito de designar ações do campo educacional, mas de maneira sutil e discreta, tornando-se mais presente somente a partir da década de 1990. Garcia (2015) afirma ainda que “o Brasil desenvolve atividades e ações no campo da educação não formal há muito tempo, sem, no entanto, denominá-las com essa terminologia”, mas com terminologias diferentes, como educação fora da escola e educação extraescolar, por exemplo.

A educação informal trata-se daquela adquirida de forma natural ou até mesmo “acidental”, no dia-a-dia, seja em casa, no trabalho ou no lazer, sem que haja uma intencionalidade de aprendizagem (BIANCONI; CARUSO, 2005).

Entendendo que mesmo na educação não formal e na informal existe aprendizado, Libâneo (2010) coloca que as práticas educativas não se restringem somente à escola, pelo contrário, ocorrem em todos os contextos e âmbitos da existência individual e social humana, de modo institucionalizado ou não, sob várias modalidades e o que deve ser considerado nesse caso é a intencionalidade. Ou seja, percebe-se que, apesar de existir uma clara diferenciação entre a educação formal, não formal e informal, todas podem apontar no sentido da intencionalidade da ação, das iniciativas de oportunidades de aprendizagens. No caso da educação informal, não há intencionalidade, mas a educação formal e não formal sim e, quando com intencionalidade, podem alcançar o mesmo objetivo, de forma a propiciar um ensino significativo, independente de qual espaço for utilizado para tal.

Segundo Oliveira (2011) não são os espaços que determinam a educação, uma vez que “podem ocorrer em espaços formais e não formais de educação, considerando aqui espaços formais como equivalentes a ambientes escolares e espaços não formais como qualquer lugar externo à escola” (p. 15), mas sim a intenção dos professores quando determinam a utilização desses espaços.

Conforme Libâneo (2002, p. 33), o campo educativo é bastante vasto, uma vez que ocorre em muitos lugares e sob variadas modalidades, tratando-se, portanto, de um conjunto de práticas educativas. Porém, Libâneo (1994, p. 120) afirma que não há prática educativa sem objetivos. Confirma-se, portanto, a necessidade de uma organização docente.

Embora a educação não formal seja estudada em diversos contextos, possivelmente, sua aplicação e visibilidade ocorra mais no universo da Educação de Jovens e Adultos em função da existência abundante de programas que atendem a esse segmento da educação básica, sobretudo atrelados a movimentos da sociedade civil. Isso nos permite constatar que a inserção de educação não formal na Educação de Jovens e Adultos representa conquistas de movimentos sociais reivindicatórios.

O indivíduo aprende num determinado espaço e tempo do mundo, onde se tem uma sociedade com valores que mudam de tempos em tempos, com recursos tecnológicos que também sofreram mudanças.

A LDB – Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, retrata sobre a valorização da experiência extracurricular da seguinte forma:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social. (BRASIL, 1996, Art. 1)

Confirma-se então como o uso desses espaços são verdadeiros estímulos e motivadores para o desencadeamento de todo um processo biológico que caracteriza a aprendizagem.

A forma de aprender, do ponto de vista do processo de aprendizagem, não é tão diferente de como era antigamente, mas o contexto em que se aprende e a vida para qual se aprende, ela muda com o passar do tempo. Trabalhar o contexto da escola em outro contexto é um desafio, entretanto os espaços não formais constituem fontes que podem promover uma ampliação do conhecimento dos educandos, caso esse tenha a intenção de usar esse momento como incentivador para a aprendizagem do aluno.

O entretenimento, a diversão e o lúdico são essenciais para o desenvolvimento do ser humano. Mas nem sempre o lazer precisa ser mais enfatizado nas atividades fora do contexto escolar. Saber compilar a diversão com a aprendizagem é tarefa fundamental, de modo a propiciar ao indivíduo um ganho no significado do conhecimento que está sendo apropriado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As interações com o público de outras idades exigem diferentes abordagens e estratégias para propiciar aprendizagens significativas.

O contato do público alvo com a contação de história e a arte sobre uma nova ótica, propiciou o desenvolvimento do pensamento crítico, demonstrando a construção de conexões entre as proposições e memórias, possibilitando que as visões de mundo fossem valorizadas auxiliando na melhoria da expressividade tanto na questão verbal como na artística.

A contação de histórias como um processo lúdico, se faz importante no desenvolvimento da forma de expressão, do pensamento e da argumentação, inclusive podendo envolver docente e discente de forma emocional, sendo possível resgatar suas memórias e criar outras utilizando a carga emocional necessária para fixação de conteúdos, sentimento de identificação e significação.

Em consonância com isso, temos também o trabalho com as artes visuais, possibilitando uma releitura, uma conexão com o texto proposto e com as vivências próprias do ouvinte, visando valorizar sua visão de mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIANCONI, M. L.; CARUSO, F. Educação não-formal. **Ciência & Cultura**, v. 57, n. 4, p. 20-20, out.-dez. 2005.
- BRASIL. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei N. 10.741, de 1º de outubro de 2003** (Estatuto do Idoso). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm. Acesso em: 01 maio 2021.
- CLAVER, R. **A arte de escrever com arte**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- FIREMAN, Maria Derise. **O Trabalho do pedagogo em instituição não escolar**. Alagoas, 2006 (Dissertação de Mestrado) – Universidade Federal de Alagoas. Disponível em: <http://www.ufal.edu.br/unidadeacademica/cedu/pos-graduacao/mestrado-edoutorado-em-educacao/dissertacoes/2003-mestrado/maria-derise-fireman>, acessado em: 25 de Maio de 2015.
- FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. **Auto-regulação da aprendizagem: atuação do pedagogo em espaços não-escolares**. Porto Alegre, 2006. (Tese de Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponível em: http://tede.pucrs.br/tde_arquivos/10/TDE-2006-12-20T134138Z211/Publico/385720.pdf. Acessado em: 14 de dezembro de 2014.
- GARCIA, V. A. Educação não formal: um mosaico. In: Margareth Brandini Park; Renata Sieiro Fernandes. (Org.). **Programa Curumim: memórias, cotidiano e representações**. 01 ed. São Paulo: SESC São Paulo, 2015, v. 01, p. 45-70.
- GOHN, M. da G. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. In: **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.
- HENRIQUES, R. M. N. **O ensino de Artes visuais para a terceira idade: uma experiência com a imagem da Monalisa**. Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: 2015. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-A9LF4E/1/ceeav_polojf_rosali_henriques_final.pdf. Acesso em: 01 maio 2021.
- LIBÂNEO, J.C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. 262 p
- MANZARO, S. C. F. **Envelhecimento: idoso, velhice ou terceira idade?** Portal do Envelhecimento, 2014. Disponível em: <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/envelhecimento-idoso-velhice-ou-terceira-idade/>. Acesso em: 01 maio 2021.



Marcia Muniz Brilhante de Toledo

Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I, PEIF na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.



ORGANIZAÇÃO:

Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

Ana Paula Brito Paixão

Anna Carolyn Lima Kecek Ruiz

Bruna Dias Campos

Fabiana Lemes da Silva

Ivan Aparecido da Silva

José Aparecido Santana

Marcia Muniz Brilhante de Toledo

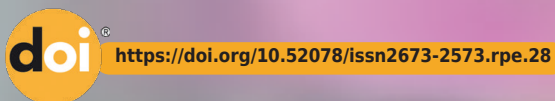
Mônica Lara Marsura

Quitéria Maria da Silva Barros

Thais Fidelis de Paula Silva

Terezinha Joana Camilo

Viviane de Cássia Araujo



Produzida com utilização de softwares livres



www.primeiraevolucao.com.br

Filiada à:

